

EDITORIAL

Este terceiro número da Revista do GEL, último do ano de 2016, reúne onze trabalhos de pesquisadores de consolidados centros de pesquisa, estabelecidos em instituições brasileiras, públicas e privadas, de todo o país. A pluralidade institucional reflete também a pluralidade de abordagens teórico-metodológicas: no presente número, podem-se ler trabalhos que tratam (1) do uso da tecnologia na área de Linguística, como o caso da tradução automática de Libras para o português brasileiro e do uso dos recursos do Teletandem no ensino de língua estrangeira, (2) da estrutura do português brasileiro falado e escrito, (3) de questões relacionadas ao ensino, especialmente sob abordagens discursivas, (4) de reflexões distintas sobre as noções de texto e de discurso e (5) de literatura.

O primeiro artigo deste volume, intitulado “Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar”, dos autores Francisco Aulísio dos Santos Paiva, José Mario de Martino, Plínio Almeida Barbosa, Ângelo Brandão Benetti e Ivani Rodrigues Silva, a partir de uma abordagem transdisciplinar, apresenta uma proposta de sistematização da transcrição por glosas em Libras, buscando evidenciar sua importância para pesquisas linguísticas e computacionais. A partir de uma revisão do sistema de glosas no Brasil, que tem sido adotado por ser considerado um sistema mais simples e de mais fácil interpretação, os autores indicam caminhos possíveis para se pensar a construção de avatares voltados para uma tradução automática de português brasileiro para Libras, o que certamente contribuiria para se pensar soluções e aplicações na educação, no entretenimento e na comunicação pessoal, que podem ampliar a inclusão social de pessoas surdas.

O segundo artigo do volume, de autoria de Queila Barbosa Lopes e Ana Carolina Freschi, intitula-se “Potenciais sequências de aprendizagem intercultural no Teletandem: a importância da mediação”. Tomando como ponto de partida as condições de produção promovidas pelo sistema de mediação do Teletandem, as autoras analisam

os dados de quatro interações entre estadunidenses e brasileiras, destacando a presença de paráfrases discursivas, que, entendidas como “reiteração de discursos veiculados numa sociedade sem a preocupação nem intenção de rompimento com eles”, passam a ser tratadas como potenciais sequências de aprendizagem intercultural. Tendo como hipótese central que tais potenciais sequências podem ter um impacto positivo no desenvolvimento da competência intercultural, as autoras buscam identificar como elas se constroem nas interações do Teletandem e como podem impactar as sessões de mediação, uma vez que materializam linguisticamente questões de base cultural.

O terceiro e o quarto artigos tratam, ambos, de aspectos do português brasileiro. Aquiles Tescari Neto, em “Verb raising, impoverishment of the verbal paradigm and weakening of tense in brazilian portuguese”, discute o movimento do verbo em português brasileiro, assim como o empobrecimento do seu paradigma flexional verbal. O autor propõe uma revisão da literatura sobre esse aspecto da língua e chega à conclusão de que é o empobrecimento do Tempo que explica o fato de o verbo subir menos em português brasileiro do que em outras línguas românicas, e não o empobrecimento do sistema flexional. Diferentemente do artigo anterior, as autoras de “O papel de estruturas prosódicas e morfossintáticas em hipossegmentações do Ensino Fundamental II”, Luciani Tenani e Roberta Fiel, abordam elementos da escrita do português brasileiro, descrevendo, em especial, as tendências de características prosódicas morfossintáticas de hipossegmentações presentes nos textos de alunos do Ensino Fundamental II. As autoras chegam à conclusão de que a hipossegmentação ocorre em todos os anos do Ensino Fundamental II, tendo um aumento no nono ano, e que há um predomínio de hipossegmentações de preposições, artigos, conjunções, pronomes que se constituem em clíticos monossilábicos e ocorrem, em sua maioria, em posição proclítica à palavra lexical, hospedeiras do clítico prosódico. Como demonstram, sua reflexão permite que as dificuldades de reconhecimento dos limites de palavra escrita nesse período de escolarização sejam mais claramente percebidas, oferecendo caminhos para se pensar em como sanar as dificuldades dos alunos com a produção de textos escritos.

Centrado no processo de reescrita em situação de sala de aula, o artigo de Adriane Teresinha Sartori e Lucíola Zacarias Mendes, intitulado “A reescrita como processo: as vantagens de uma segunda versão tardia”, tem como foco a análise de

textos de dois alunos do Ensino Médio e suas respectivas reescritas, oito meses mais tarde. O objetivo do trabalho é apontar as vantagens de se propor uma reescrita tardia em sala de aula, na medida em que se observa que um intervalo de tempo significativo entre as duas versões permite que as opiniões construídas nos textos sejam confrontadas, que os alunos reconheçam mais criticamente filiações ideológicas concordantes ou discordantes, que novos argumentos surjam, que se precise mais claramente uma imagem de interlocutor, enfim, que as estratégias de dizer construídas pelos alunos sejam mais elaboradas.

Os artigos “Gênero, discurso e sentido: profissão masculina e profissão feminina no livro didático”, de Florisbete de Jesus Silva, Edvânia Gomes da Silva e Adilson Ventura da Silva, e “A sedução da ausência: o texto e a epistemologia da ciência”, de Ana Fukui e Maria Eduarda Giering, tratam de dois gêneros que se relacionam diretamente com o ensino: o livro didático e o artigo de divulgação científica. O primeiro trata das representações de gênero no livro didático, em especial dos discursos sobre as profissões e suas representações. Com uma análise minuciosa, os autores evidenciam o esperado: ao tratar de profissões, não apenas as propostas de atividades como também as sugestões de respostas oferecidas pelo material didático analisado materializam discursos estereotipados de gênero, como aqueles relacionados à inteligência e à força física, nas representações do masculino, e da fragilidade, da emoção e da delicadeza, nas representações do feminino, legitimando situações de desigualdade de gênero historicamente construídas e que tanto se busca combater atualmente. Já o artigo de Fukui e Giering propõe uma análise da Revista *Ciência Hoje das Crianças*, pensando na noção de divulgação científica, à luz dos pressupostos teóricos da Linguística textual e das reflexões de G. Bachelard sobre a epistemologia da ciência. As autoras buscam, desse modo, observar o funcionamento do texto quando se dá a passagem de um discurso do senso comum para um discurso científico, passagem esta que é operada pela revista. Haveria aí uma estratégia de base que leva em conta a necessidade de se partir do conhecido para, então, se chegar ao conhecimento científico, que, segundo as autoras, seria uma estratégia extensiva a todo veículo de divulgação científica de domínio midiático.

No artigo intitulado “Por outros textos na sala de aula: *Me lembra muito Pink Floyd*, de João Leopoldo”, Gustavo Nishida e Ana Paula de Castro Sierakowski,

partindo de uma reflexão sobre multiletramento, defendem a introdução de textos diversos na sala de aula, para além de um cânone preestabelecido. Os autores apresentam uma análise de canção modelar, centrando suas reflexões nas noções de gênero discursivo, na esteira das reflexões de M. Bakhtin, e de multimodalidade que, na perspectiva que adotam, são essenciais para se pensar o multiletramento.

Rafael Menari Archanjo e Camila de Araújo Beraldo Ludovice apresentam, no artigo intitulado “O ‘dito’ pelo ‘não dito’: relações dialógicas e polêmica velada na letra da canção *Comportamento geral*, de Gonzaguinha”, a partir dos pressupostos teóricos de M. Bakhtin e de V. Volochínov, uma reflexão sobre o modo como os enunciados da canção se contrapõem, chegando mesmo a desconstruí-lo, ao discurso da propaganda nacional desenvolvimentista do “milagre brasileiro”, gestada no ambiente do Golpe Militar de 1964. Os autores mostram como a ironia e a polêmica velada de Gonzaguinha, que deixam entrever um aparente acordo com o discurso do Estado, produzem um contradiscurso marcado pelo deboche, estabelecendo relações dialógicas que rebaixam a propaganda nacionalista, evidenciando as desigualdades sociais, o autoritarismo daquele governo e as acentuadas relações de poder que eram ocultadas pela propaganda militar.

No artigo intitulado “Cadeias referenciais e produção de sentidos no jornalismo popular”, Wagner Alexandre dos Santos Costa e Vanda Maria Cardozo de Menezes, a partir de uma abordagem sociocognitiva e interacional, apontam para os processos de interação entre as pessoas que estão na base de toda atividade linguística e que permitem que o mundo seja, portanto, (re)construído discursivamente. Tomando prioritariamente a noção de referenciação, que para os autores deve ser entendida como processo intersubjetivo, segundo uma perspectiva dialógica, os autores analisam as expressões referenciais de títulos de notícias do jornal popular carioca *Meia Hora*, buscando evidenciar o modo como se pode, a partir da progressão referencial de certos itens lexicais presentes no título de notícias, construir discursivamente um perfil idealizado de leitor, fenômeno que estaria ligado a uma estratégia de aproximação entre jornal e leitor.

Camila de Toledo Piza Costa Machado, no artigo intitulado “Eduardo White – o épico em transe erótico ou o sentimento dum Oriental”, busca discutir a noção de retorno do épico em uma obra do escritor moçambicano Eduardo White. Para a autora, é

inegável que há na obra de White vestígios da épica camoniana que podem ser traçados e recuperados, como a própria noção de pátria e, em especial, a tensão entre Oriente e Ocidente.

A diversidade de instituições e de abordagens que encontramos neste volume mais uma vez atesta o importante papel desta revista na divulgação de pesquisas das áreas de Letras e Linguística que são produzidas hoje no país. Além disso, os trabalhos apresentam, como se pode bem observar, uma reflexão não apenas epistemológica sobre as noções de língua, linguagem e linguística, como também uma reflexão de caráter político e social, uma vez que indicam e discutem, direta ou indiretamente, a potencialidade e a capacidade de, a partir de fenômenos de linguagem, (re)pensar alguns aspectos da realidade atual e, principalmente, do país.

Como já o fizemos anteriormente, não podemos de modo algum deixar de agradecer o efetivo apoio da diretoria do GEL, que continua investindo na qualidade deste periódico, garantindo a sua continuidade e, por consequência, garantindo a continuidade de um antigo projeto de promoção e de avanço da pesquisa em linguística no Brasil.

Assis, dezembro de 2016.

Matheus Nogueira Schwartzmann

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Editores da Revista do GEL